



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Projeto de Resolução n.º 800/XIV/2.^a

Concessão de Honras de Panteão Nacional a José Maria Eça de Queiroz

Nascido em 1845, José Maria Eça de Queiroz permanece hoje, volvidos 175 anos do seu nascimento, um dos maiores romancistas da história da literatura portuguesa. Obras como *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e particularmente *Os Maias* marcaram a literatura e, através dela, a maneira como nos vemos.

Se muitos dos seus contemporâneos aprenderam a «ler – e a sentir, e a pensar – pelos seus livros», como lembra em 1919 o escritor e diplomata Alberto de Oliveira, o mesmo se pode dizer das gerações que se seguiram, continuando Eça de Queiroz um dos escritores mais lidos, debatidos e glosados.

Em 1871, no ciclo das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, Eça de Queiroz inaugurava a sua visão da literatura. À data com 25 anos, tornava-se o arauto de uma luta de gerações que opunha Romantismo a Realismo, mas sobretudo apresentava a Arte enquanto reflexo dos tempos, assim como poderoso e transformador instrumento das sociedades. Até então, como escritor, lançara o seu olhar sobre Portugal oitocentista em crónicas como as das célebres *As Farpas*.

Ainda antes da publicação de *Os Maias*, Eça de Queiroz era já reconhecido como grande romancista, com várias edições de *O Crime do Padre Amaro* (1875) e *O Primo Basílio* (1878), contando também com a tradução para francês de *O Mandarim*.

A par da publicação das obras e das várias participações em periódicos nacionais e brasileiros, como *O Atlântico*, *Gazeta de Notícias*, *Diário de Notícias*, *A Ilustração*, *A Província*, *Revista de Portugal* e *O Repórter*, a carreira diplomática de Eça de Queiroz levou-o a Havana, Newcastle, Bristol e Paris, cidades onde se destacou nas funções de cônsul.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Compelido pela forte consciência humanista que o caracterizava, tornou-se em Cuba uma voz ativa contra a quase escravatura a que eram submetidos os trabalhadores chineses e africanos do engenho de açúcar. Em pleno século XXI, ainda é recordado e homenageado em Cuba, através da Cátedra Eça de Queiroz da Universidade de Havana.

Em 1888, *Os Maias* impõe-se como um dos maiores romances portugueses, livro hoje essencial para compreendermos o nosso país. Nele, encontramos tudo o que marca a escrita de Eça de Queiroz: da simplicidade incisiva do estilo à visão irónica dos políticos e das classes dirigentes. A crítica ao status quo vem a par da observação íntima das paixões e contradições humanas, o que contribui para a universalidade da obra. Podemos afirmar que olhamos para a segunda metade do século XIX com os olhos de Eça de Queiroz.

Além de ter influenciado a maneira como escrevemos a nossa própria língua, Eça criou grandes personagens que continuam a acompanhar-nos. Do Conselheiro Acácio a Luisinha, de Afonso a Carlos da Maia, de Ega a Tomás de Alencar, de Juliana a Teodoro, os romances de Eça são habitados por gente viva, com quem nos poderíamos cruzar. Tal identificação, 120 anos depois da morte do seu criador, dá às personagens queirozianas a marca da verdadeira literatura.

Ele próprio transformado em personagem do nosso imaginário coletivo, Eça de Queiroz é sinónimo de cosmopolitismo, acutilância e consciência social. Características essenciais numa sociedade que queremos tão global quanto compassiva.

Numa época em que os índices de leitura descem assustadoramente, muitos têm ainda em Eça de Queiroz o porto seguro no qual se abrigam. Traduzida em dezenas de línguas, a sua escrita inicia milhares de jovens ao maravilhoso desafio da leitura, particularmente em Portugal e no Brasil.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Embora nos últimos anos tenha sentido o clima de decadência, não deixou de usar o seu sentido crítico contra o fatalismo inevitável do atraso. Morria em 1900 aclamado como grande vulto da literatura.

Desde então, a fortuna crítica da sua obra, as inúmeras edições e traduções, adaptações cinematográficas nacionais e estrangeiras, a influência noutras artes, bem como a inclusão nos programas do Ensino Secundário, mas sobretudo a leitura ininterrupta, dão vida ao legado de Eça de Queiroz.

Na senda do repto lançado pela Fundação Eça de Queiroz, considere-se os termos da Lei n.º 28/2000, de 29 de Novembro, que define e regula as honras de Panteão Nacional, as quais se destinam a «homenagear e a perpetuar a memória dos cidadãos portugueses que se distinguiram por serviços prestados ao País, no exercício de altos cargos públicos, altos serviços militares, na expansão da cultura portuguesa, na criação literária, científica e artística ou na defesa dos valores da civilização, em prol da dignificação da pessoa humana e da causa da liberdade».

À semelhança de Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa, já homenageados no Mosteiro dos Jerónimos, Eça de Queiroz marcou indelevelmente a Língua Portuguesa. Escritor maior, não só contribuiu como poucos para a expansão da cultura portuguesa, como o fez sob a égide de um forte carácter humanista, justificando de forma amplamente consensual a propositura da concessão de honras de Panteão Nacional, no ano em que se assinalam os 175 anos do seu nascimento e os 120 anos da sua morte.

Assim, nos termos constitucionais e regimentais aplicáveis, as Deputadas e os Deputados abaixo-assinados apresentam o seguinte projeto de resolução.

A Assembleia da República resolve, nos termos do n.º 5 do artigo 166.º da Constituição e do n.º 1 do artigo 3.º da Lei n.º 28/2000, de 29 de novembro:



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

1. Conceder honras de Panteão Nacional aos restos mortais de José Maria Eça de Queiroz, em reconhecimento e homenagem pela obra literária ímpar e determinante na história da literatura portuguesa.
2. Constituir um grupo de trabalho composto por representantes de cada grupo parlamentar com a incumbência de determinar a data e de definir e orientar o programa de transladação, em articulação com as demais entidades públicas envolvidas, bem como um representante da Fundação Eça de Queiroz.

Palácio de São Bento, 14 de dezembro de 2020

As Deputadas e os Deputados

(José Luís Carneiro)

(Ana Catarina Mendes)

(Pedro Delgado Alves)

(Rosário Gambôa)